

CONTRIBUIÇÃO DO NEGRO PARA A CULTURA BRASILEIRA

CONTRIBUTIONS OF BLACK PEOPLE TO BRAZILIAN CULTURE

Maria Arlete SANTOS¹

RESUMO: A proposta desse trabalho é apresentar uma revisão geral da influência dos africanos na cultura brasileira, nos seus diversos elementos. Ao negro, desafrikanizado pela escravidão, não sendo índio nativo nem branco colonizador, restou-lhe encontrar sua identidade como brasileiro, construindo um enorme legado, abrangendo desde as artes e religiões até as ciências. As religiões afrobrasileiras, além da orientação espiritual, são um espaço terapêutico que exerce função social, cultural e psicológica, atuando numa ação biopsíquica, promovendo, desta forma, paz, tranquilidade, cura e solução de problemas.

PALAVRAS-CHAVES: Cultura dos negros. Escravidão. Identidade.

ABSTRACT: *The purpose of this paper is to present a general review of the influence of Africans in Brazilian culture, in its various elements. To the black people, unchallenged by slavery, not being a native Indian nor a white colonizer, he remained to find his identity as a Brazilian, building a huge legacy ranging from the arts, religion, to the sciences. Afro-Brazilian religions, besides spiritual orientation, are a therapeutic space that exercises a social, cultural and psychological function, acting in a biopsychic action, promoting, in this way, peace, tranquility, healing and problem solving.*

KEYWORDS: *Black culture. Slavery. Identity.*

A cultura negra é elemento essencial para a formação da identidade brasileira, mas somente a partir do século XX é que as manifestações, rituais e costumes de origens africanas começaram a ser aceitas como expressões nacionais. Apesar da repressão que sofreram, suas manifestações culturais permanecem vivas até hoje (Portal Brasil).

Nos conteúdos apresentados pelas escolas sobre história geral, pouco ou quase nada se fala sobre a África. É como se ela não tivesse nada a contribuir com a história da humanidade. Ensina-se sobre o Egito, mas não sobre a África. É natural aprender sobre mitologia greco-romana, seus deuses e heróis, entretanto as escolas têm

¹ Psicóloga, Terapeuta Comunitária, Psicodramatista, Ipatinga – MG - Brasil. E-mail: arletsantos@hotmail.com

dificuldades de inserir em seus conteúdos a mitologia africana com seus mitos e orixás, que estão vivos no dia a dia do povo brasileiro. Os filósofos gregos são citados em quase todas as disciplinas, mas não é falado sobre os mestres de origem africana e de pele negra. No entanto, quando os portugueses chegaram à África, os africanos já dominavam as técnicas de plantio. Os povos do oeste africano tinham sistemas agrícolas bem desenvolvidos, comércio regulamentado e conheciam grande número de ligas artesanais. Muitos povos africanos tinham técnicas mais avançadas do que os lusos, tais como a metalurgia e a siderurgia. Trabalhavam o cobre e o estanho, trazendo esse conhecimento também ao Brasil. Os lusos vieram a conhecer a enxada de ferro com os ganenses e nigerianos (FONSECA, 2009).

Segundo Fonseca (2009), foram os negros que construíram a civilização brasileira, foram o braço direito do senhor de engenho. Sem eles não seria possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem manter o funcionamento dos engenhos e outros empreendimentos que exigiam trabalhos braçais.

O negro contribuiu com a cultura brasileira em seus vários aspectos, desde as artes, língua, religião, economia e indústria.

O legado africano para o Brasil é imenso. Foram os negros que povoaram o Brasil, mesmo compulsoriamente, ao contrário dos europeus que fizeram daqui uma colônia de exploração. Com sua capacidade de trabalho, não somente braçal, mas também em outras áreas, desde as artes, religião, ciência até a econômica, o negro muito contribuiu para esta nação. Ainda que na condição de escravizado, o negro é um civilizador. Foi ele que sustentou a nobreza e a prosperidade do Brasil, além da contribuição na defesa do território nacional, na agricultura e na mineração. Foi o produto do seu trabalho que permitiu que os ricos senhores pudessem manter os filhos nas universidades europeias e depois nas faculdades de ensino do país (FONSECA, 2009).

Foi o negro que levou alegria à vida doméstica do brasileiro, contrastando com a melancolia do português e com a desconfiança do caboclo calado. A risada do negro é que quebrou toda essa apagada e vil tristeza na vida das gentes nas casas-grandes. Os negros trabalharam sempre cantando. Seus cantos de trabalho, tanto quanto os de Xangô, os de festa, os de ninar menino pequeno, encheram de alegria africana a vida brasileira. Entretanto, o maior contribuinte da história da humanidade continua sendo tratado como devedor, não como credor (FREYRE, 1987 apud FONSECA, 2009).

Os africanos no Brasil não abandonaram seus costumes e religiões, apesar do trabalho estafante e do pequeno ciclo de vida. Organizavam festas, adornavam os corpos, lembravam suas origens tais como o Rei Congo, congada, música carregada de sofrimento em contraste com os raros momentos de alegria, em que a língua de origem sobressaía no canto. Essa cultura não podia expressar-se livremente, pela sua condição de escravo, mas sobreviveu nas crenças religiosas e práticas mágicas a que se apegavam em seu desamparo no mundo ostil em que viviam, o qual transformavam em danças e músicas, arrefecendo assim o sofrimento do dia a dia. Juntamente com esses valores espirituais acrescentam-se reminiscências rítmicas, musicais, saberes e gostos culinários. Essa herança africana, associada às crenças indígenas, resultou nessa singular fisionomia cultural brasileira (RIBEIRO, 1995). A seguir, alguns exemplos dessa contribuição:

Com a escassez cada vez maior dos índios e a concentração dos negros nas áreas de atividades mercantis, esses últimos exerciam papel decisivo na formação da sociedade local, tornando-se agentes da europeização, difundindo a língua do colonizador e ensinando os escravos recém-chegados as técnicas de trabalho, as normas e valores da cultura a que se viam incorporados. No entanto, conseguem exercer influências emprestando dengues ao falar lusitano, impregnando todo o contexto com o pouco que se pode preservar da herança cultural africana (RIBEIRO, 1995).

Uma série extensa de palavras oriundas dessas línguas incorporaram-se ao nosso léxico: Oxalá, Ogum, Iemanjá, Xangô, pomba-gira, macumba, axé, mandinga; quitute, vatapá, acarajé, caruru, mungunzá, farofa, quindim, canjica, cachaça; tanga, miçanga, caxambu, jongo, lundu, maxixe, samba, marimba, macumba, berimbau, camundongo, caxinguelê, mangangá, marimondo, dendê, jiló, quiabo, capenga, calombo, caxumba, banguela, bunda e outros (DAIA, 2009).

A arte de cantar e dançar sempre fez parte da alma sofrida dos escravos. Para os africanos, a música e a dança tinham ligação com mundo espiritual e poder de comunicação. Após vários dias de trabalho eles se encontravam, pois, segundo o pensamento dos senhores, “quem se diverte não conspira”.

O samba é um gênero musical binário, que representa a própria identidade musical brasileira. De influência africana, nasceu nas casas de baianas, no Rio de Janeiro, no princípio do século. O primeiro samba gravado foi “Pelo telefone”, de autoria de Donga e Mauro de Almeida, em 1917. Inicialmente vinculado ao carnaval, com o tempo o samba ganhou espaço próprio. Grande tronco da MPB, o samba gerou

derivados, como o samba-canção, o samba-de-breque, o samba-enredo e, inclusive, a bossa nova (PORTAL CULTURA AFRO-BRASILEIRA).

O samba e seus diversos subgêneros é a principal influência da música africana no Brasil, que embala com seu ritmo a maior festa popular brasileira: o carnaval. Acrescenta-se a esse o Maracatu, o Congada, a Cavalhada e o Moçambique (PORTAL BRASIL).

O batuque é uma dança muito apreciada pelos negros, caracterizada por batidas de tambores e demais instrumentos primitivos de percussão, que acompanhavam as danças. As autoridades eclesiásticas não a viam com bons olhos, julgando-a um costume bárbaro, imoral, em que as mulheres movimentavam o corpo e, em especial, as ancas (LIMA, 2010).

O jongo é uma dança com grande número de participantes, que oportunizava a exibição de talentos individuais. No meio da roda, o cantador agitava um chocalho, embalado por três tambores, cantava um verso que o coro respondia sapateando. Quase ao final do coro o cantador se juntava ao círculo e outro ocupava o centro (FIORENTINI, 2014).

O lundu é uma música dolente e sentimental, com coreografia sensual. Marcada pela introdução de palmas e movimentos do corpo constantes, também chamada umbigada. Realizada aos pares, e em determinados momentos os umbigos se encontravam. Foi perseguida e proibida pelas autoridades pela sua sensualidade e lascívia (FIORENTINI, 2014).

A capoeira é uma dança de luta, ritualizada e estilizada, que tem sua própria música. É uma das expressões características da dança e das artes marciais brasileiras. Evoluiu a partir de um estilo de luta originário de Angola. Ao longo dos anos, essa prática foi sendo refinada até se converter em um esporte sumamente atlético, no qual dois participantes desfecham golpes entre si, usando apenas as pernas, pés, calcanhares e cabeças, sem utilizar as mãos. Foi desenvolvida para ser uma defesa, com movimentos adaptados às cantorias africanas parecidos com uma dança, permitindo não levantar suspeitas dos capatazes. Durante décadas, a capoeira foi proibida no Brasil. Hoje a capoeira é Patrimônio Cultural Brasileiro e recebeu, em novembro de 2014, o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (PORTAL CULTURA AFRO-BRASILEIRA).

A capoeira é uma mistura de dança, luta, cultura popular e música. No início, era praticada nas senzalas, à noite, ocasião em que os escravos ficavam com os braços

acorrentados. Daí justifica ser praticada com os pés. Utilizada também para proteger de possíveis roubos as mercadorias a serem vendidas pelos escravos (Lima, 2010).

Na cultura africana a comida desempenha um papel de ligação deste mundo material com o mundo espiritual. Através da comida acontece uma espécie de aproximação entre os habitantes dos mundos material e imaterial. Dar comida a santo é, simbolicamente, compartilhar com o universo dos orixás o estado de vida existente nesta terra. As oferendas às entidades passaram a constituir também pratos característicos da culinária brasileira. Entre eles encontram-se o acarajé e o abará, assim como o dendê e a pimenta (PORTAL CULTURA AFRO-BRASILEIRA).

Uma das heranças mais importantes da inserção dos negros na sociedade brasileira está na gastronomia. Os africanos foram forçados a reinventar sua culinária. Assim desenvolveram gosto por novos temperos e habilidade de improvisar receitas, misturando ingredientes europeus e indígenas. Essa influência foi tanto no modo de preparar e temperar os alimentos como na introdução de novos ingredientes na culinária brasileira. Responsáveis pela alimentação dos senhores brancos e com a necessidade de suprir sua própria demanda, os negros passaram a adaptar seus hábitos culinários aos ingredientes da colônia. Na falta do inhame, usaram a mandioca; carentes das pimentas africanas usaram e abusaram do azeite-de-dendê, que já conheciam da África. O modo africano de cozinhar e temperar incorporou elementos culinários e pratos típicos portugueses e indígenas, transformando as receitas originais e dando forma à cozinha brasileira. Da dieta indígena, a culinária afro-brasileira incorporou, além da essencial mandioca, frutas e ervas. O prato afro-indígena brasileiro mais famoso é o caruru (DAIA, 2009).

Pratos como o vatapá, acarajé, caruru, mungunzá, sarapatel, baba de moça, cocada, bala de coco e muitos outros exemplos são iguarias da cozinha brasileira admiradas em todo o mundo. Mas nenhuma receita se iguala em popularidade à feijoada. Originada das senzalas, era feita das sobras de carnes que os senhores de engenhos não comiam. Enquanto as partes mais nobres iam para a mesa dos seus donos, aos escravos restavam as orelhas, pés e outras partes dos porcos, que misturadas com feijão preto e cozidas em um grande caldeirão, deram origem a um dos pratos mais saborosos e degustados da culinária nacional (PORTAL BRASIL).

Dessa forma, azeite de dendê, pimenta, acarajé, vatapá, aluá, xinxim de galinha, inhame, cará, banana, são exemplos de alguns pratos que não são apenas nomes

exóticos, mas velhos sabores que enriqueceram a gastronomia brasileira, legado que não se abateu diante do tempo (Lima, 2010).

Ao integrar à vida do brasileiro, o negro se tornou afro-brasileiro, e mais que isso, se tornou um brasileiro. Além dos traços físicos, da dança e da música, é na religiosidade que encontramos a presença dos africanos no nosso sangue (Lima, 2010).

No entanto, o estudo das religiões afro-brasileiras constitui um fenômeno relativamente recente na história religiosa do Brasil. No período colonial era vista como arte do Diabo; no Brasil Império, como desordem pública e atentado contra a civilização. Este fato constitui obstáculos à pesquisa, pois as práticas religiosas africanas eram quase sempre clandestinas e alguns rituais deixaram poucos registros. A maior parte da documentação sobre esses rituais foi produzida por autoridades policiais preocupados em descrever a invasão, a ocupação de terreiros, o fracasso das revoltas africanas, e pela Igreja Católica, interessada em desqualificar e desmoralizar a religiosidade negra, reduzindo-a mera feitiçaria. A verdade é que elementos das religiões africanas sobreviveram, se ocultando em meio à simbologia cristã.

Na época da escravidão, os negros trazidos da África eram batizados e obrigados a seguir o catolicismo. “Porém, a conversão não tinha efeito prático e as religiões de origem africana continuaram a ser praticadas secretamente em espaços afastados nas florestas e quilombos” (PORTAL BRASIL).

O sincretismo foi uma das características mais marcantes nas religiões afrodescendentes. Durante a escravatura e mesmo depois da abolição, os rituais afro-brasileiros eram perseguidos pela polícia e autoridades eclesiásticas. Assim, os negros cultuavam os orixás às escondidas, pois eram obrigados a assumir perante a sociedade que eram católicos, batizados, e que acreditavam nos santos. Entretanto, mais uma vez eles conseguiram manifestar sua capacidade de resiliência ao recriar no Brasil as religiões africanas no sec. XIX, de forma sincrética, ou seja, estabelecendo um paralelismo entre os orixás e os santos católicos (SANTOS, 2009).

Obrigados pelos senhores e pela igreja, a única opção para os africanos era aceitar a fé cristã. No entanto, os mesmos eram impedidos de frequentar os espaços religiosos dos brancos. Então criaram irmandades com nomes católicos para se adequarem às exigências sociais; mas, por detrás das imagens católicas, utilizavam da devoção aos santos para cultuarem seus orixás com ritos e cultos africanos. Dessa forma surgiu o nascimento de religiões afro-brasileiras (RAMOS, 2010).

Segundo Nascimento (1998), na cosmovisão e cultura religiosa do povo iorubá existe a figura de Olodunmare, representante do Deus único, espírito infinitamente perfeito, que existe por si mesmo e de quem o universo e todos os outros seres recebem a existência, que se denomina “Eu Sou Aquele que É”. É o ser infinito, princípio e fim de todas as coisas e encontra-se além dos limites humanos e sua compreensão. Olodunmare só pode ser conhecido por meio de seus atributos e dedução da sua existência mediante suas manifestações no Universo e nas coisas criadas. A partir desse processo do conhecer, os iorubás afirmam ser Olodumare “o Único no céu e na terra, o Supremo sobre todos”, e o chamam por esse nome referindo-se particularmente às suas características de ‘Senhor de todas as coisas’, ‘o soberano que está no Orum’, ‘aquele que é autoridades sobre tudo’. Atributos: infinito, imutável e eterno. A partir daí, pode-se perceber que a religião Ioruba nada deixa a desejar às outras religiões da história da humanidade, sendo, sem dúvida uma religião universal e revelada. Definir o caráter da religião afro-descendente como politeísta significa retirar sua identidade, sua força de unidade e coesão (RIBAS,1998).

Embora a religião de matriz africana e afro-brasileira não se inscreva no rol das tradições judaico cristãs, a mesma se enquadra nos parâmetros do monoteísmo. Os Orixás, Inkices e Voduns não são deuses e sim divindades. A Religião Afro se reporta a um Deus a que denomina de Olorum, Olodumaré ou Obatalá (yorubá), de Zambi (bantu), de Mawu (fon). (JESUS, 2008, p.143).

Ao estudar as religiões afros pode-se perceber em seus fundamentos o zelo com a natureza e a responsabilidade do homem com este planeta:

Em qualquer das cosmogêneses africanas, no que se referencia à criação do Ser Humano, esse elemento é uma invariante: o Transcendente intitulou a mulher e o homem como guardião do Universo, os encarregou de zelar pela conservação da Harmonia universal (JESUS, 2008, p. 144).

O candomblé, a mais tradicional e africana dessas religiões, tem sido sinônimo de tradições religiosas afro-brasileiras em geral. A umbanda também se popularizou entre os brasileiros, agrupando práticas de vários credos, entre eles o catolicismo (PORTAL BRASIL).

As religiões afro-brasileiras, além da orientação espiritual, assumiram uma importante função social na comunidade. A população negra e a classe pobre, se encontrando abandonada e sem nenhum amparo social, recorriam às casas de

candomblé em seus momentos de dificuldades. Essas constituíam comunidades de solidariedade onde os adeptos buscavam conforto e apoio para criar forças e enfrentar as discriminações e frustrações do dia a dia. Hoje nas periferias urbanas essas casas são espaços de acolhimento de pessoas à procura de conselho e ajuda para os mais diversos problemas pessoais (JESUS, 2008).

Segundo Jesus (2008), a umbanda é um espaço de terapia que exerce um papel social, cultural e psicológico, operando como fator de integração pessoal, grupal e social, atuando numa ação biopsíquica, promovendo, desta forma, paz, tranquilidade, cura e solução de problemas.

A terapia utilizada pode ser chamada de terapia mental como função preventiva e curativa: a terapia preventiva confirma a ‘paz’, a ‘tranquilidade’, a ‘saúde’; enquanto a terapia curativa resolve desajustes mentais, leva a pessoa a encontrar-se consigo, a reconhecer a sua situação, a tomar atitude e decidir. A técnica usada é o aconselhamento: suas formas são diversas, dependendo da personalidade e da criatividade do médium. Os fatores principais que influem nessa procura são: a terapia popular ou ‘medicina rústica’ que faz uso ordinário de ervas; a ‘fé religiosa individual’, sustentada por uma ‘fé religiosa coletiva’, que aceita no seu universo mental a magia como algo de real; a dificuldade do atendimento ‘medicina particular’ e ao critério selecionador, através do sistema de fichas, dos ‘órgãos sanitários oficiais’; a elitização da Psiquiatria e da Psicanálise freudiana. Desta terapia mental resulta uma segurança pessoal. Os casos considerados extraordinários constituem ‘provas apoloéticas’ da eficácia terapêutica (DI PAOLO, 1979, p. 157-158, apud JESUS, 2008).

No candomblé, assim como em toda religião de matriz afro, há a ideia de um ser primordial, que tudo possibilita, a partir do qual tudo existe, que recebe diversos nomes, conforme o dialeto de origem. Os nomes mais comuns são: Olorum, que significa o senhor do não palpável, e Olodumaré, o senhor do eterno. Toda existência é um desdobrar de Olorum, pois nele estão presentes todas as possibilidades, como que “dobradas”.

A visão de mundo no candomblé percebe o ser humano como expressão de uma das divindades e, assim, a natureza está contida em sua essência. Essas forças naturais são vivenciadas de acordo com o modelo mítico ou arquetípico, o qual comporta uma enorme variedade de expressões. Enquanto a cidade fragmenta e produz o anonimato, os terreiros promovem uma visão solidária e integradora dos seres humanos entre si [...] e com a natureza, articulando relações sociais mais estáveis ao reproduzirem uma família extensa.

Nesse imaginário, as águas estão associadas à feminilidade, à fecundidade e às divindades Nanã, Iemanjá, Oxum e Euá; o fogo

(vento), concebido como fertilidade e transformação, é associado a Oxalá e Iansã; a terra (matas, florestas, caminhos e estradas), à capacidade de sobrevivência e preservação animal e vegetal, bem como a transformação destes em favor do homem, é remetida a Ogum, Oxóssi, Ossaim e Obaluaie, os dois últimos especialmente no que se refere à relação saúde/doença).

Vale ressaltar que o orixá Ossaim, divindade protetora dos vegetais, conhecedor de suas potencialidades e de práticas terapêuticas, demonstra a valorização concebida à relação homem/natureza. (BARROS, 1998. p. 282-283).

A existência individual concreta é regida por forças, que são chamadas de Orixás, energias da natureza, manifestação simbólica dos princípios da harmonia cósmica. São também as forças no sentido de virtudes. No candomblé cada pessoa tem um orixá específico e possui traços de personalidade e tendências comportamentais semelhantes a esses. Na África são cultuados mais de quatrocentos orixás. Aqui no Brasil são mais de vinte. O processo de formação da religião no Brasil, principalmente devido à escravidão, fez com que o número de Orixás cultuados fosse muito menor e que cada Orixá tenha assumido características diversas. A busca pela harmonia entre Orum e Aiyê se traduz na harmonia com o Orixá pessoal. Cada Orixá tem características próprias nos vários aspectos da vida: cores, comidas, profissão, comportamento, personalidade, relacionamentos. Segundo o Candomblé, a harmonia na vida é exatamente a harmonia com o Orixá pessoal. Assim, o Orixá influencia todos os aspectos da vida do fiel. A busca da harmonia com o Orixá é a busca por si mesmo, por melhor viver suas aptidões e características. Isso significa na linguagem dos macrocosmos um equilíbrio entre Orum e Aiyê, que recebe o nome de Axé, força que tudo transpassa, que tudo penetra no sentido de provocar harmonia. A palavra Axé é usada inclusive como saudação, como desejo de “tudo de bom”, “desejo-lhe harmonia”. A infelicidade, a doença, o erro não são vistos no candomblé como “pecado”, mas sim como desarmonia (BERKENBROCK, 2009).

Os tambores têm função importante nos rituais afro-brasileiros. São eles que acompanham o transe dos médiuns quando as entidades se manifestam. Cada ritmo permite a incorporação de uma entidade, que tem toque, cores, adereços, roupa, comidas e gestos próprios. Cada terreiro e cada médium tem seus orixás (LIMA, 2010).

Exu, o orixá filho, ligação entre os vários reinos do cosmo e princípio dinâmico da contradição dialética que impulsiona os intercâmbios entre o orun e o aiyé. Segundo Nascimento (1998), os gregos denominavam Thot de Hermes, mensageiro dos deuses gregos e aquele que conduzia as almas ao Hades, deus das estradas, dos viajantes, da

sorte, do comércio, da música, dos ladrões e trapaceiros. Tais atributos nos remetem à figura de Exu na cosmologia africano-brasileira. Conhecido como mensageiro dos deuses, Exu constitui o princípio dinâmico que possibilita o fluxo de intercâmbio e energia cósmica entre os domínios do mundo espiritual (orum) e o mundo material (aiyê). Cohecedor das línguas humanas e divinas, Exu é a comunicação em si, além de se apresentar como o deus das estradas, da sorte, da brincadeira e da maladragem.

Os leigos, influenciados pelas religiões dos detentores do poder durante toda a história, aprenderam a conferir a Exu identidade demoníaca, da feitiçaria, da bruxaria e da maldade. No entanto, ao estudar os fundamentos, pode-se deparar com a profunda espiritualidade, com o princípio dinâmico de comunicação, individuação e de expansão de tudo que existe, com o princípio da existência cósmica e humana que representa esse orixá. Sem ele todos os elementos do sistema e seu devir ficariam imobilizados e a vida não se desenvolveria (JESUS, 2008).

Iansã, deusa do raio, significa o poder feminino na luta pela vida e pela justiça. Iemanjá, a mãe de todas as águas, representa a fecundidade, o princípio gerador dos seres da natureza, do reino humano e do reino espiritual, a força do amor materno. Ogum representa a conquista tecnológica da metalurgia do ferro e do aço, simboliza a força do conhecimento humano. Ossaim, orixá-folha, nos ensina a ciência e a prática da medicina e farmacologia tradicionais africanas. Oxalá, ou Obatalá, Orixá criador, o iniciador, que moldou do barro o ser humano, representa os princípios da criação, da conciliação, da força pacificadora e da liderança. Oxum, orixá feminina, deusa do amor e da água doce, das correntes (dos rios), da estética, da beleza, da feminilidade, do conhecimento, da sensibilidade, do processo divinatório. Simboliza a fertilidade, a procriação e o princípio da criatividade.

Oxumaré representa o arco-íris, o ciclo das águas, vindas na forma de chuvas e devolvidas ao céu por meio das neblinas. Xango é o orixá do trovão e raio, defende o princípio da justiça (NASCIMENTO, 1998).

Além do Candomblé, outra religião de matriz afro é a Umbanda. Segundo Arruda 2012, a Umbanda corresponde à integração das práticas afro-indígenas na sociedade brasileira, enquanto o Candomblé significa a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro.

A palavra Umbanda vem do quimbundo, língua angolana, do verbo kubanda, desvendar, arte do curandeiro, ciência médica, medicina. Tem por fundamento o culto aos espíritos, com finalidade de homenagear e invocar as almas para que venham

trabalhar no terreiro e atender pedidos dos consulentes (LOPES, 2005 in JESUS, 2008). Segundo Lopes, 1998, nas tradições do povo banto toda terra com suas águas e vegetação é sagrada, não somente pelo seu valor utilitário, mas pela possibilidade de ter sido morada de seus antepassados. Imbuídos dessas crenças e tradições, os bantos aqui escravizados encontravam os donos originais da terra brasileira, criando alianças que fizeram nascer a umbanda e o candomblé-de-cabloco onde, além do saber comum sobre plantas medicinais e rituais, os cânticos em português são comumente entremeados de termos e expressões tupis-guaranis e angolo-congolês. Índios e bantos entenderam a natureza como divina e não como valor econômico

Outra religião afro-brasileira é o Calundu. Os calundzeiros reverenciavam espíritos com poderes de proteção e orientação. Muitos eram procurados até por brancos, senhores de escravos, que tinham já esgotados seus recursos da medicina e viam nos calundzeiros a última esperança para seus males. (LIMA, 2010).

A arte é uma das marcas mais fortes dos povos africanos. Ela une utilidade e estética e está nos objetos, na música, na dança, na pintura corporal, no artesanato e nos rituais sagrados. A arte africana exhibe características diferenciadas desde as pinturas e esculturas até os objetos ornamentais de uso cotidiano. São utilizados para comemorar os ancestrais, cultuar as forças naturais, invocar forças vitais, propiciar boas colheitas. Tais objetos acompanham os ritos, as danças e as cerimônias religiosas (DAIA, 2009).

Além das artes, os negros também possuíam conhecimento de técnicas medicinais. Eram considerados feiticeiros ou bruxos, mas com grande força contra doenças consideradas incuráveis (LIMA, 2010).

Considerações finais

Os negros, aqueles que construíram os alicerses desta nação, encontraram-se dela excluídos. A Lei Áurea foi apenas um sonho. Abolida a escravidão, se viram marginalizados, destituídos de acesso à terra, à educação, à habitação, à vida com dignidade. Foram expulsos da agricultura e do mercado de trabalho da nova economia industrial pelas políticas de subsídio à emigração europeia, motivadas pelo desejo de enbranquecimento, projeto perverso e racista das elites brasileiras, visando negar sua face africana da população brasileira.

O povo brasileiro tem dado exemplos de bravura desde o “descobrimento”, quando os indígenas resistiram à invasão portuguesa. Mais tarde, com a coragem demonstrada pelos escravizados nas diversas reações à tirania da classe dominante, e mesmo submetida a toda sorte de humilhações e crueldades, os negros jamais aceitaram as condições subumanas que lhes foram impostas.

Desafricanizado pela escravidão, não sendo nativo como o índio, nem branco colonizador, só restou-lhe encontrar sua identidade como brasileiro, tendo papel decisivo na formação sócio-econômica e cultural deste país em todos os seus aspectos.

O resultado é a mistura brasileira: o índio e o negro usados e excluídos e também o branco que os torturou. Dessas três raízes o brasileiro é que há de melhor e bonito, assim como o pior e o deplorável: descendentes de escravos e senhores.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. F. P. O verde no Candomblé. **Revista THOTH Escriba dos deuses**, n. 5, 1998.

BERKENBROCK J. V. **Candomblé: a unidade dos níveis da existência**. Disponível em: <www.adital.com.br/Site/noticia.asp?lang=PT&cod=41517>. Acesso em: 29 set. 2009.

DAIA. **Contribuição do negro na formação da cultura brasileira**. Disponível em: <<http://daia-s.blogspot.ca/2009/05/contribuicao-do-negro-na-fornacao-da.html>>. Acesso em: 29 set. 2009.

FONSECA, D. J. **Políticas Públicas e ações afirmativas**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

JESUS, J. P. Religião de matriz africana e/ou afro-brasileira: uma explicitação dos conteúdos teológico e filosófico da sua visão de mundo. In Secretaria de Educação do Paraná. **Educando para relações raciais II**. Curitiba: SEED, 2008.

LIMA, M. **A trajetória do negro no Brasil e a importância da cultura afro**. Disponível em: <2010www.educadores.diaadia.pr.gov.br>. Acesso em: 20 nov. 2016.

LOPES, N. Bantos, índios, ancestralidade e meio ambiente. **Revista THOTH Escriba dos deuses**, n. 5, p.277. 1998.

FIorentini, M. **Muito prazer, eu sou o samba.** Disponível em: <www.vermelho.org.br/noticia/254610>. Acesso em: 12 dez. 2015.

MINISTÉRIO DA CULTURA FUNDAÇÃO PALMARES. Cultura afro-brasileira: música, religião, culinária e costumes.

NASCIMENTO, E. L. Reflexões sobre afro-americanos, meio ambiente e desenvolvimento. **Revista THOTH Escriba dos deuses**, nº 5. Brasília: 1998.

NASCIMENTO, A. Pensamento dos povos africanos e afro descendentes. **Revista THOTH Escriba dos deuses**, nº 5. Brasília: 1998.

PORTAL BRASIL. **Cultura afro-brasileira se manifesta na música, religião e culinária.** Disponível em: <www.brasil.gov.br/Cultura/2009/10>. Acesso em: 12 dez. 2015.

PORTAL CULTURA AFRO-BRASILEIRA. **Influência Negra no Brasil.** Disponível em: <https://www.faneesp.edu.br/site/portal_afro_brasileira/3_V.php>. Acesso em: 10 dez. 2015.

RAMOS. Religião e religiosidade no Brasil. **Para entender a história**, ano 1, ago., p.01-06, série 29/08, 2010.

RIBAS, J. T. P. A questão do Deus único nas religiões africanas e afro-descendentes. **Revista THOTH Escriba dos deuses**. Gabinete do Senador Abdias Nascimento, nº 5. 1998.

RIBEIRO, D. **Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 2ed, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Como referenciar este artigo

SANTOS, Maria Arlete. Contribuição do negro para a cultura brasileira. **Revista Temas em Educação e Saúde**, Araraquara, v.12, n.2, p. 217-229, jul./dez. 2016. ISSN: 1517-7947.

Submetido em: 20/10/2016

Aprovado em: 28/11/2016